

***Ethos*, narrativas de vida e discurso:
A construção das imagens projetadas de Dilma Rousseff em diferentes situações de
comunicação¹**

Jéssica Gomes de OLIVEIRA²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O estudo apresenta uma análise de trechos de fala de Dilma Rousseff e de *posts* veiculados na página do *Facebook* da personagem fictícia Dilma Bolada. Pretendemos, por meio da análise, observar de que maneira as narrativas de vida, ou relatos biográficos, são utilizados por ambas as personagens para projetar determinados *ethé*, valores e ideias, contribuindo, assim, para a construção das imagens projetadas de Dilma Rousseff em diferentes situações de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: *ethos*; linguística; discurso político; Dilma Rousseff; Políticas e Estratégias de Comunicação.

Introdução

O estudo apresenta um conjunto de falas da presidente Dilma Rousseff, extraído do discurso proferido para o Senado, em agosto de 2016, durante sessão de julgamento do *impeachment*. Da mesma forma, são apresentados *posts* publicados no perfil do *Facebook* da personagem fictícia Dilma Bolada, entre 2015 e 2016. Tanto os trechos de fala de Dilma Rousseff, quanto as publicações da personagem Dilma Bolada apresentados, contêm aspectos da vida pessoal e biografia da ex presidente.

O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff teve sua instauração aprovada pela Câmara dos Deputados em abril de 2016, culminando posteriormente no afastamento definitivo da líder do executivo. No dia 29 de agosto do mesmo ano, a então presidente compareceu ao Senado e discursou em sua defesa durante o julgamento do *impeachment*, tecendo argumentos que integravam tanto aspectos técnicos sobre os rumos tomados pela economia brasileira, quanto relatos autobiográficos.

Já a personagem fictícia Dilma Bolada, durante todo o processo de *impeachment*, se posicionou contrariamente à destituição da presidente do cargo. Para

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Mestranda na Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, email: jessicagomes_mtz@hotmail.com.

isso, se dedicou à publicação diária de mensagens em sua página no *Facebook*, algumas delas fazendo referência a aspectos da vida pessoal e biografia de Dilma Rousseff. Criada em 2011 pelo publicitário Jeferson Monteiro, a personagem fictícia Dilma Bolada se dedica, desde então, à veiculação diária de publicações sobre o cenário político brasileiro.

Como aporte teórico-metodológico predominante para este estudo, será adotada a Análise do Discurso (AD), recorrendo, sobretudo, a Patrick Charaudeau (2006), pesquisador da atual escola francesa dentro deste campo de saber. Serão utilizados, especialmente, os estudos do linguista sobre o *ethos* e os diferentes *ethé* projetados pelos sujeitos políticos, bem como proposições de Amossy (2005) e Maingueneau (2005) sobre o mesmo tema. Também serão adotados por esta pesquisa estudos sobre as narrativas de vida desenvolvidos por Machado³ (2012, 2015), importante pesquisadora dentro deste campo de saber, além de recente estudo desenvolvido por Maia (2015) na mesma área.

***Ethos*: construindo imagens de si**

Revisitar alguns estudos sobre o *ethos* se faz necessário neste estudo, uma vez que no campo político, discursos têm sido construídos com base nas imagens projetadas pelos sujeitos políticos. Conforme aponta Maia (2015), a construção do *ethos* possui lugar central no processo de persuasão do discurso político. A partir da produção de uma identidade política portadora de ideias e princípios valorizados pela instância cidadã, o ator político poderá construir caminhos para gerar identificação e conquistar a adesão do público.

Podemos compreender o *ethos* enquanto imagem que o enunciador projeta de si mesmo durante o discurso, permitindo ao público construir para o locutor uma espécie de retrato ou desenho daquilo que ele é. Conforme elucida Amossy (2005), no processo de composição da própria imagem não é necessário que o enunciador fale explicitamente de si mesmo, detalhando suas qualidades. “Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”. (AMOSSY, 2005, p. 9).

³ Pesquisadora da Faculdade de Letras da UFMG e precursora dos estudos sobre as narrativas de vida dentro da Análise do Discurso

Dessa forma, deliberadamente ou não, durante seu discurso, o locutor realizará uma apresentação de si mesmo, contribuindo para as imagens ou *ethos* que o público irá construir sobre ele. Amossy (2005) nos lembra, ainda, que os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de imagens de si com o objetivo de garantir o sucesso da oratória. Por isso, as imagens construídas no e pelo discurso participarão da influência que o locutor exercerá sobre o público e vice-versa.

Já Maingueneau (2005) nos atenta para a existência de um *ethos* anterior à palavra, atrelado às representações e imagens coletivas pré-existentes sobre determinado sujeito. Isso significa que o público inicia a construção do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele comece a falar, existindo, portanto, uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. Para o linguista (2005), o *ethos* discursivo está relacionado às imagens que o locutor constrói de si mesmo durante o discurso. Já o *ethos* pré-discursivo está associado às imagens e representações que circulam sobre o enunciador no espaço social, independentemente de sua interação verbal.

Especialmente no domínio político, os enunciadores costumam ser associados a um *ethos* pré-discursivo, que cada enunciação pode confirmar ou infirmar. “De fato, mesmo que o coenunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*” (MAINGUENEAU, 2005 pg. 71).

Em suas investigações sobre o *ethos*, Charaudeau (2006) também nos lembra que um ato de linguagem não pode existir sem que haja a construção de uma imagem daquele que fala. Para o linguista, sendo intencional ou não, a partir do momento que falamos emerge uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. E é na tentativa de construir um *ethos* ou imagem positiva de si próprio, que o ator político empregará uma série de estratégias discursivas, sendo tomado por uma dramaturgia que o faça construir para si um personagem. Nas palavras do autor (2006, p.85), “mesmo sem atingir o topo do sucesso, o político encontra-se sempre tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para si um personagem, certa figura que vale como imagem de si, e que faz com que a construção do *ethos* tenha características próprias”.

Nesse sentido, a construção do *ethos* do sujeito político só tem razão de ser se for voltada para o público, funcionando como um suporte de identificação de valores e desejos em comum. Por isso, o ator político deve mergulhar no imaginário popular mais

amplamente compartilhado, atingindo o maior número possível de pessoas e funcionando como um espelho em que se refletem os desejos uns dos outros (CHARAUDEAU, 2006).

A construção do *ethos* do sujeito político: razão, emoção e imagem

Conforme nos indica Maia (2015, p. 32), a elaboração de um discurso e de uma identidade política que corresponda às expectativas do público deve levar em consideração as formas de organização de narrativas que articulem emoção, razão e aspectos da vida pessoal. Desse modo, a persuasão no discurso político estaria relacionada tanto com a ordem da razão, quanto com a ordem da paixão, sem deixarmos de considerar, é claro, as imagens de si ou *ethos* que o político procura construir.

Segundo os estudos de Charaudeau (2006), um discurso político precisa levar em conta o *logos*, fundado nas faculdades intelectuais, e também o *pathos*, pertencente ao campo dos sentimentos e emoções. Dessa forma, a persuasão e a encenação do discurso político passeiam tanto pela ordem da razão quanto pela paixão, misturando *logos*, *ethos* e *pathos*. Nas palavras do linguista:

Para o político, é uma questão da estratégia a ser adotada na construção de sua imagem (*ethos*) para fins de credibilidade e de sedução, da dramatização do ato de tomar a palavra (*pathos*) para fins de persuasão, da escolha e da apresentação dos valores para fins de fundamento do projeto político. (CHARAUDEAU, 2006, p. 84)

Eggs (2008, p.29-56) nos lembra que no campo da retórica aristotélica *ethos*, *logos* e *pathos* formam as três provas lógicas que são engendradas pelo discurso. Por isso, é possível afirmar que o *ethos* constitui a mais importante dessas três provas, uma vez que contribui de maneira efetiva para a consolidação do processo de persuasão. O *ethos* dependeria, entretanto, da capacidade do orador de mostrar determinadas qualidades e inspirar confiança. Tais qualidades teriam sido determinadas por Aristóteles como *phrónesis*, *areté* e *eúnoia*.

A *phrónesis* é considerada a capacidade de ter “prudência”, certo “ar ponderado” e “sabedoria prática”, estando relacionada, portanto, ao campo da razão ou *logos*. A *areté*, compreendida como a capacidade de mostrar-se como homem sincero e honesto, apresentando suas virtudes e qualidades, corresponderia ao *ethos*. Já a *eúnoia* pode ser apresentada como a capacidade do orador de mostrar uma imagem agradável de si, de benevolência e solidariedade, estando ligada ao *pathos*. (EGGS, 2008, p.29-56).

Os diferentes *ethé* evocados pelos sujeitos políticos

Em seus estudos sobre o *ethos*, Charaudeau (2006, p.118) elenca duas grandes ordens de valor que seriam imprescindíveis ao projeto de fala do sujeito político, ou duas grandes categorias de *ethos*: o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de identificação. É a partir dessas duas grandes ordens de valores, relacionadas à razão e ao afeto, que diversas figuras se aglutinam para a construção de uma identidade política.

Os *ethé* de credibilidade

A credibilidade está relacionada à capacidade que o sujeito político tem de responder a certas condições que lhes são colocadas, com a finalidade de convencer o público de que tanto sua pessoa quanto suas ideias são dignas de crédito. A credibilidade, entretanto, é particularmente complexa, pois deve satisfazer ao mesmo tempo três condições: condição de *sinceridade*, que obriga o sujeito a dizer a verdade; condição de *performance*, que obriga o sujeito a cumprir o que promete; condição de *eficácia*, que obriga o sujeito a provar que tem os meios de fazer o que promete e que os resultados serão positivos. (CHARAUDEAU, 2006, p.120).

Nesse sentido, um indivíduo pode ser julgado digno de crédito se for possível verificar que aquilo que ele diz sempre corresponde ao que ele pensa, se tem meios de pôr em prática o que promete e se o que anuncia ou aplica é seguido de efeito. (CHARAUDEAU, 2006, p.119).

E para responder a essas condições de credibilidade, o político precisa construir para si o *ethos* de *seriedade*, de *virtude* e de *competência*. O *ethos* de seriedade é construído por meio de uma série de índices comportamentais que revelam capacidade de autocontrole diante das críticas, sangue frio diante das adversidades, grande energia e aptidão para o trabalho na vida política. Já o *ethos* de virtude está relacionado ao sujeito político que demonstra fidelidade nas relações humanas, lealdade aos parceiros e adversários, acrescentando a isto uma imagem de honestidade pessoal. Por fim, o *ethos* de competência demanda do sujeito a capacidade de mostrar-se possuidor de um conjunto de saberes relativos a um campo de conhecimento, demonstrando domínio e habilidade para realizar determinadas atividades.

Os *ethé* de identificação

As diferentes imagens que constituem os *ethé* de identificação, propostos por Charaudeau (2006), colaboram para que o público identifique nos valores apresentados

pelo discurso político suas próprias demandas e expectativas. O cidadão precisa se reconhecer neste espelho que lhe é mostrado, estabelecendo uma fusão de identidades entre ele e o sujeito político.

Apesar da multiplicidade de imagens, é possível destacar algumas mais recorrentes que caracterizam o *ethos* de identificação do discurso político: os *ethos* de potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade. O *ethos* de potência pode ser apresentado mediante uma figura de virilidade sexual, nem sempre declarada explicitamente. É denotada uma força vital, uma essência viril, algo que só poderia existir no político que age sem medo. O *ethos* de caráter, por sua vez, está relacionado à capacidade do sujeito de se controlar diante de situações perturbadoras, também sendo apresentando por meio da ideia de uma força interior do sujeito, uma força de espírito que não estaria necessariamente relacionada à força física.

O *ethos* de inteligência, conforme aponta Charaudeau (2006), pode ser percebido quando o sujeito político tenta se mostrar culto, apresentando o capital cultural herdado de sua origem social e formação. Já o *ethos* de humanidade pode ser mensurado pela capacidade de demonstrar sentimentos e compaixão para com aqueles que sofrem, mas também pela capacidade de mostrar suas fraquezas e gostos mais íntimos.

O *ethos* de chefe é construído por meio das figuras de guia (guia-supremo, guia-pastor e guia-profeta), de soberano e de comandante. A figura do guia supremo surge a partir da necessidade de ter uma liderança capaz de manter a integridade da identidade de um grupo social. O guia-pastor é representado pelo sujeito capaz de reunir o rebanho, que ilumina e acompanha o caminho dos seus seguidores com tranquilidade e perseverança. Mostrando-se sábio, consegue conduzir milhões por meio da palavra. Já o guia-profeta costuma se remeter ao futuro em seus discursos, também recorrendo a mitos e símbolos do passado. A figura do chefe soberano é sustentada por discursos sobre a democracia, identidade nacional, soberania do povo, celebração do país e de seu regime institucional. Já a figura do chefe comandante é caracterizada pelo sujeito com imagem mais agressiva e autoritária, discursos com tom belicista e provocações a inimigos.

Por fim, o *ethos* de solidariedade é construído por meio da capacidade de saber ouvir os problemas alheios, compartilhando os mesmos dramas, dilemas e conquistas. Além de estar atendo às necessidades dos outros, o sujeito político também deve ser capaz de se tornar responsável por elas.

A construção da identidade do sujeito político por meio das narrativas de vida

O estudo apresenta um conjunto de falas da presidente Dilma Rousseff, extraído de seu discurso ao Senado durante o julgamento do *impeachment* em 2016. Também são apresentadas publicações feitas na página do *Facebook* da personagem fictícia Dilma Bolada, entre 2015 e 2016. Todos os fragmentos apresentados contêm relatos da biografia de Dilma Rousseff, também chamados de narrativas de vida. Por isso, apresentaremos aqui alguns estudos sobre este gênero.

De acordo com Machado (2015, p. 4) a narrativa de vida pode ser considerada uma estratégia argumentativa no campo político, da qual, na sociedade atual, poucos conseguem escapar. O ato de narrar a própria vida pode surgir quando menos se espera e de onde menos se espera. A prática de *falar-de-si-mesmo* pode ter como finalidade a realização de um balanço dos acontecimentos de uma existência, verificando se ela valeu ou não a pena. Há também aqueles que narram para justificar uma ação cometida, desabafar, dar um exemplo de conduta para a posteridade ou ainda pelo simples prazer de contar histórias.

Ainda segundo a autora (2015, p. 3), no domínio da Análise do Discurso é sabido que nenhum ato de linguagem é aleatório e todos contêm um fim comunicativo. Em relação às narrativas de vida, suas visadas também têm como objetivo influenciar o público, seu modo de pensar e de aceitar determinado relato. Por isso, mesmo no campo da fala política, a narrativa de vida pode ser considerada uma estratégia argumentativa, da qual, na sociedade atual, poucos conseguem escapar. Nas palavras de Machado:

“[...] políticos também são seres humanos; logo, são sensíveis às vitórias e às derrotas da vida. Portanto, a estratégia da narrativa de vida pode ser uma espécie de “grito” sincero de um ser ferido recentemente ou há algum tempo. Assim, o uso da narrativa de vida carrega em seu âmago um sentimento de revanche contra alguém ou contra uma determinada situação em que sentimentos angustiantes dominaram o sujeito-falante. Seja de modo consciente, elaborado ou então, de modo espontâneo, o fato de contar sua vida em momentos mais ou menos solenes consegue quase sempre comover um auditório.” (MACHADO, 2012, p. 15).

Machado (2012) nos elucidava, ainda, que o gênero narrativa de vida é capaz de circular tanto no campo das ciências sociais quanto no da linguagem, manifestando-se enquanto metodologia entre 1918 e 1920 em obra organizada pelos sociólogos Escola de Chicago (EUA), Thomas e Znaniecki. Somente em 1970 o gênero teria chegado à

França, por meio dos trabalhos do pesquisador Daniel Bertaux, numa perspectiva tanto sociológica quanto etnográfica. Deste momento em diante, o gênero ganha distintas nomenclaturas, como narrativa de si mesmo, autobiografia e história de vida.

Em relação ao discurso político, conforme também aponta Maia (2015, p. 142), a narrativa de vida acaba por adquirir um sentido um pouco mais amplo, na medida em que o sujeito pode ou não revelar determinados aspectos de sua vida íntima, mas também falar sobre sua dedicação no trabalho, coragem, esforço, luta e conquistas. O ato do sujeito de narrar passagens da própria vida em seus discursos também está relacionado à construção de mecanismos de identificação com o público, além da promoção de determinados valores associados à identidade política, principalmente pelo viés da emoção.

Ainda segundo o autor, uma narrativa ou relato de vida pode se referir tanto a aspectos de ordem pessoal, íntima e familiar do sujeito político, quanto a aqueles que dizem respeito a sua atuação na vida pública. Essas duas facetas (íntima e pública) ajudam a construir sua biografia, podendo privilegiar ora o íntimo, ora os atributos da ação política. (MAIA, 2015, p.143).

Podemos relacionar o significado de “narrativa de vida”, ainda, a alguns conceitos relativos à forma de expressão da experiência vivida, tendo o sujeito a capacidade de utilizar essa possibilidade com uma finalidade estratégica (MAIA, 2015, p.140). Conforme explica o autor: “[...] narrar uma história de vida seria a capacidade de construir um relato sobre a experiência dos acontecimentos vividos, utilizando determinadas estratégias de organização do discurso que visam à elaboração de certa identidade, de uma imagem de si.” (MAIA, 2012, p. 141).

Apresentação e análise do *corpus*

O *corpus* de análise é composto por três trechos de fala de Dilma Rousseff, extraídos do discurso de abertura proferido para o Senado, em 29 de agosto de 2016, durante sessão de julgamento do *impeachment*. Também integra o *corpus* três *posts* publicados pela personagem fictícia Dilma Bolada, em sua página no *Facebook*, entre 2015 e 2016. Interessa-nos aqui compreender de que maneira o sujeito político pode utilizar relatos sobre si mesmo para projetar determinados valores e ideias, observando de que modo as narrativas de vida podem ser consideradas estratégias discursivas na construção de determinados *ethé*. Por meio da análise aqui apresentada, pretendemos trazer luz à seguinte pergunta: de que maneira as narrativas de vida expressas nas falas

de ambas as personagens contribuem para a construção das imagens projetadas de Dilma Rousseff, em diferentes situações de comunicação?

Para isso, será tomada como base a classificação proposta por Charaudeau (2006) para os *ethé* de credibilidade e de identificação. É a partir dessas duas grandes ordens de valores, relacionadas à razão e ao afeto, que diversas figuras se aglutinam para a construção de uma identidade política. Faremos, portanto, uma análise de trechos de fala que fazem referência às passagens de vida de Dilma Rousseff, tanto nos *posts* de Dilma Bolada quanto nos trechos de fala da ex presidente, observando de que modo as narrativas de vida colaboram na projeção de determinados *ethé*.

Iniciaremos a análise com os três trechos de fala a seguir, extraídos do discurso de Dilma Rousseff ao Senado.

Na luta contra a ditadura, recebi no meu corpo as marcas da tortura. Amarguei por anos o sofrimento da prisão. Vi companheiros e companheiras sendo violentados, e até assassinados. Na época, eu era muito jovem. Tinha muito a esperar da vida. Tinha medo da morte, das sequelas da tortura no meu corpo e na minha alma. Mas não cedi. Resisti. Resisti à tempestade de terror que começava a me engolir, na escuridão dos tempos amargos em que o país vivia. Não mudei de lado. Apesar de receber o peso da injustiça nos meus ombros, continuei lutando pela democracia. Dediquei todos esses anos da minha vida à luta por uma sociedade sem ódios e intolerância. Lutei por uma sociedade livre de preconceitos e de discriminações. Lutei por uma sociedade onde não houvesse miséria ou excluídos. Lutei por um Brasil soberano, mais igual e onde houvesse justiça. Disso tenho orgulho. Quem acredita, luta. (Dilma Rousseff – 31/08/2016).

Este é o segundo julgamento a que sou submetida em que a democracia tem assento, junto comigo, no banco dos réus. Na primeira vez, fui condenada por um tribunal de exceção. Daquela época, além das marcas dolorosas da tortura, ficou o registro, em uma foto, da minha presença diante de meus algozes, num momento em que eu os olhava de cabeça erguida enquanto eles escondiam os rostos, com medo de serem reconhecidos e julgados pela história. Hoje, quatro décadas depois, não há prisão ilegal, não há tortura, meus julgadores chegaram aqui pelo mesmo voto popular que me conduziu à Presidência. Tenho por todos o maior respeito, mas continuo de cabeça erguida, olhando nos olhos dos meus julgadores. (Dilma Rousseff – 31/08/2016).

Por duas vezes vi de perto a face da morte: quando fui torturada por dias seguidos, submetida a sevícias que nos fazem duvidar da humanidade e do próprio sentido da vida; e quando uma doença grave e extremamente dolorosa poderia ter abreviado minha existência. Hoje eu só temo a morte da democracia, pela qual muitos de nós, aqui neste plenário, lutamos com o melhor dos nossos esforços. Reitero: respeito os meus julgadores. Não nutro rancor por aqueles que votarão pela minha destituição. (Dilma Rousseff – 31/08/2016).

Nos trechos apresentados, podemos observar que Dilma Rousseff faz uma ponte entre o julgamento a que foi submetida durante a ditadura militar e o julgamento de seu *impeachment*. Os relatos biográficos, portanto, se tornam parte dos argumentos utilizados pela ex mandatária para se defender das atuais acusações. Ao trazer do passado memórias sobre as torturas pelas quais passou na juventude, Dilma Rousseff demonstra força, coragem e convicção na própria luta, que prossegue no presente por meio da defesa do próprio mandato. Podemos observar, ainda, a construção de uma figura de coragem com força interior suficiente para enfrentar os desafios, evocando, assim, o que Charaudeau (2006) classifica como *ethos* de caráter.

Retomando o linguista, o *ethos* de caráter está relacionado à ideia de uma força interior do sujeito, uma força de espírito que não estaria necessariamente relacionada à força física. Uma das representações importantes do *ethos* de caráter está concentrada na figura da coragem, ou capacidade de enfrentar adversidades sem enfraquecer e sem que seja preciso ceder às pressões políticas contrárias. A coragem pressupõe, portanto, uma força de convicção que fornece a certeza de que o sujeito político será capaz de representar o projeto mais coerente e eficiente. O político evoca para si a imagem de líder capaz de combater as dificuldades sem se deixar abater pelos possíveis riscos causados pelo enfrentamento.

Nos trechos apresentados, além da construção de um *ethos* de caráter, através da projeção de uma imagem de mulher forte e guerreira, é possível observar também aspectos de humanidade nas palavras de Dilma Rousseff. Especialmente quando traz memórias do câncer enfrentado há alguns anos, a ex mandatária se mostra suscetível à morte, assim como qualquer outro ser humano. Ela também diz não alimentar qualquer tipo de rancor perante seus julgadores, demonstrando capacidade de superação e compaixão. Portanto, podemos dizer que tais imagens projetadas também vão de encontro ao que Charaudeau (2006) classifica como *ethos* de humanidade, mensurado pela capacidade de demonstrar sentimentos e compaixão, mas também pela coragem de mostrar suas fraquezas.

O *ethos* de humanidade emerge quando o sujeito político busca demonstrar que está submetido às mesmas leis, direitos, deveres e limitações da vida que o público, gerando identificação. Na construção desse *ethos* o sujeito político precisa demonstrar emoção em certas ocasiões públicas, especialmente em casos de tragédias e desastres. É

preciso, entretanto, ter a capacidade de controle dos sentimentos, para não correr o risco de demonstrar fraqueza.

Os trechos apresentados também vão de encontro ao que Maia (2015) nos fala sobre a importância da gestão das emoções. O discurso deve ser organizado a partir da mobilização de estratégias discursivas que toquem os sentimentos e o afeto dos cidadãos. Nesse sentido, introduzir o plano dos sentimentos e das emoções no discurso se torna importante, afinal, o sucesso do líder também se concentra em sua capacidade de gerir a paixão das massas. Ao falar sobre as lutas que travou durante sua trajetória pessoal e política, sobre as torturas sofridas na ditadura militar e, posteriormente, o câncer, Dilma Rousseff pode acabar tocando o público no campo dos sentimentos, mostrando que o discurso político não se baseia unicamente na razão ou em argumentos técnicos. A seguir, traremos três *posts* publicados na página do *Facebook* da personagem fictícia Dilma Bolada, entre 2015 e 2016. Assim como os trechos de fala de Dilma Rousseff, as publicações abaixo apresentam referências à biografia da ex mandatária.

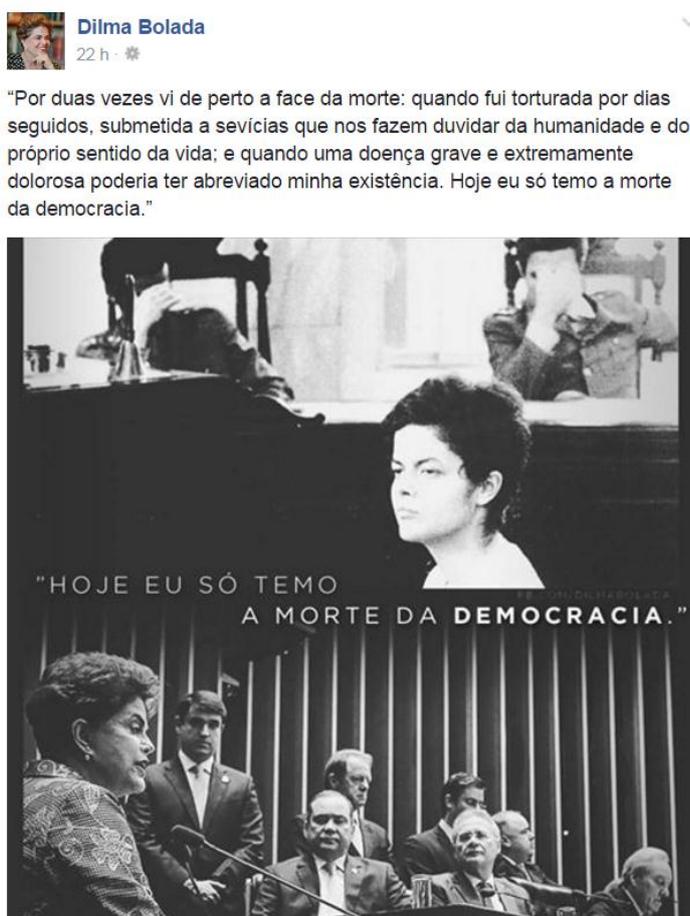


Fig 1: *Facebook* Dilma Bolada



Dilma Bolada

21 de outubro de 2015 · 🌐 · 🌟



VIAGEM PARA O FUTURO

21 de outubro de 2015

Viajou no tempo de 21/10/1975 para 21/10/2015.

Porque às vezes é preciso que voltemos do passado para que sejamos coerentes com nosso futuro!



Fig 2: *Facebook* Dilma Bolada



Dilma Bolada atualizou a foto do perfil.

18 de abril às 11:41 · 🌐 · 🌟



Fig 3: *Facebook* Dilma Bolada

Nos *posts* apresentados, podemos observar a utilização da biografia de Dilma Rousseff numa tentativa de projetar a imagem de mulher forte que lutou contra o regime imposto pela ditadura militar. Na segunda postagem temos, inclusive, uma alusão à necessidade da presidente Dilma Rousseff retomar características do passado para que desse seguimento à sua luta pela continuidade do mandato, sem abandonar as ideias e ideologias da juventude.

Especialmente no primeiro *post* apresentado, publicado durante o processo de *impeachment*, podemos observar a tentativa de construir o que Charaudeau (2006) classifica como *ethos* potência, por meio da projeção de imagens de força, coragem e ação destemida que a imagem de uma Dilma Rousseff jovem provoca. A personagem fictícia utiliza, inclusive, trecho do discurso oficial de Dilma Rousseff ao Senado para ilustrar uma montagem feita com imagens da ex mandatária durante seu primeiro julgamento (ainda na ditadura militar) e sessão do julgamento do *impeachment*.

Por fim, no terceiro e último *post* apresentado, a personagem fictícia altera a imagem do perfil de sua página no *Facebook*, trazendo uma representação de Dilma Rousseff na juventude. Mais uma vez, a personagem recorre à imagem de uma Dilma jovem, que segue em busca das ideias em que acredita e que não desiste de sua luta. Podemos observar, assim, uma tentativa recorrente de retomar a história biográfica de Dilma Rousseff, absorvendo a representatividade que possui as imagens da ex presidente durante a juventude.

Conforme aponta Amossy (2005, pg. 137), basta um nome ou assinatura para que uma representação estereotipada de determinado sujeito seja levada em conta. Nesse sentido, a personagem fictícia Dilma Bolada acaba por evocar traços de caráter que constituem a história discursiva de Dilma Rousseff em sua juventude.

Destacamos, ainda, que mesmo se tratando de uma página do *Facebook* que utiliza rotineiramente o humor e a ironia em suas publicações, ao tratar da biografia de Dilma Rousseff, a personagem fictícia Dilma Bolada opta por um tom sério e formal.

Considerações finais

Por meio deste estudo pudemos observar que as narrativas de vida podem ser utilizadas enquanto estratégia discursiva para a projeção de determinados *ethé*, representações e imagens do sujeito político. Nos trechos de fala de Dilma Rousseff e *posts* de Dilma Bolada foi possível perceber a importância que os relatos biográficos têm na constituição do discurso político, colaborando, inclusive, no grau de influência e

de identificação entre o locutor e o público. Concluimos, portanto, que ambas as personagens utilizam as narrativas de vida e a história discursiva de Dilma Rousseff para projetar determinados *ethé*, valores e ideias.

Conforme pontua Courtine (2003, 2006) os discursos políticos têm sofrido transformações, num processo em que a vida íntima e histórias pessoais do homem público ganham notoriedade. Em detrimento de suas ideias e programas, a exibição da intimidade doméstica e psicológica emerge com a adoção de discursos num estilo dialogado, familiar e com ideias mais simples. Ainda nesse contexto de transformações, a vida privada do ator político se mistura à pública, numa espécie de espetacularização em que atos individuais podem conferir ou não legitimidade para o sujeito governar.

Retomando Maia (2015, p.102), é preciso salientar, também, que a compreensão do *ethos* enquanto fenômeno da linguagem humana requer certos cuidados. Alguns aspectos sobre o *ethos* e sua participação na constituição da linguagem e também das relações humanas demonstram a complexidade de sua natureza. Assim, compreender e estudar o *ethos* enquanto fenômeno da linguagem humana necessita cuidados e apresenta uma série de desafios ao pesquisador.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de Si no Discurso**: a construção do *ethos*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. 2.ed. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

COURTINE, J-J. **Os delizamentos do espetáculo político**. In: Gregolin, M.R. et al. (orgs). *Discurso político e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz, 2003.

_____. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz. 160 p. 2006.

EGSS, Ekkehard. **Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna**. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso*. A construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 29-56.

MACHADO, Ida Lúcia. **Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso**. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 187-207, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2578>. Acesso em: 5 fev. 2017.

_____. **“Storytelling”**: uma nova ‘moda’ de persuasão/argumentação? In: PROENÇA, G.M.L. et al. (org.) *Análise do Discurso Hoje – Volume 4*. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 2011, p. 165-176.

_____. A narrativa de vida como materialidade discursiva. In: Revista da ABRALIN, v.14, n.2, p. 95-108, jul./dez. 2015. Disponível em: <
<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557/25814>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MAIA, Jader Gontijo. **Imaginários do discurso político e a construção da identidade: um estudo sobre narrativas de vida na entrevista política**. 2015. 207 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia e incorporação**. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 68-92.